



Constância Tavares
1917

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal de jornal «O SÉCULO»
 Redacção, administração e oficinas
 RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA
 Numero avulso. 1500 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
 DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E BRASILEIRA: Trimestre 13500, Semest. 26500, Ano 52500 — COLÓNIA: PORTUGUESAS: Semestre 27500, Ano 54500, — ESTRANGEIRO: Semestre 30500, Ano 60500.

Underwood



O mais recente triunfo obtido pelas maquinas de escrever foi o Grande primeiro premio na Exposição Panamá Pacifico, concedido á

UNDERWOOD

Agencia geral para o sul de Portugal, ilhas e colonias
 THE MERRILL OFFICE — 107, Rua do Alecrim, 107 LISBOA

Quereis ser
 um bom
 guarda-livros?

Requisitai matricula no Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia, Largo Trindade Coelho, 6, Lisboa. Os prospectos d'este Instituto são remetidos gratuitamente a quem os requisitar.



Coroas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
 L. D'ABEGOARIA, 50
 rua Chiado - Tel. 3278

A'S MAES

QUE CUIDAM da saude dos seus filhos aconselhamos a *Farinha Lactea Cister*, unico alimento completo e que, pelo seu esmerado fabrico, aliado á modicidade do seu preço, rivalisa com as estrangeiras. A' venda em todas as mercearias, farmacias e drogarias.

Pedir amostras aos depositarios:
BORGES, MARQUES & C. Lt.ª
 Rua Arco Bandeira, 159

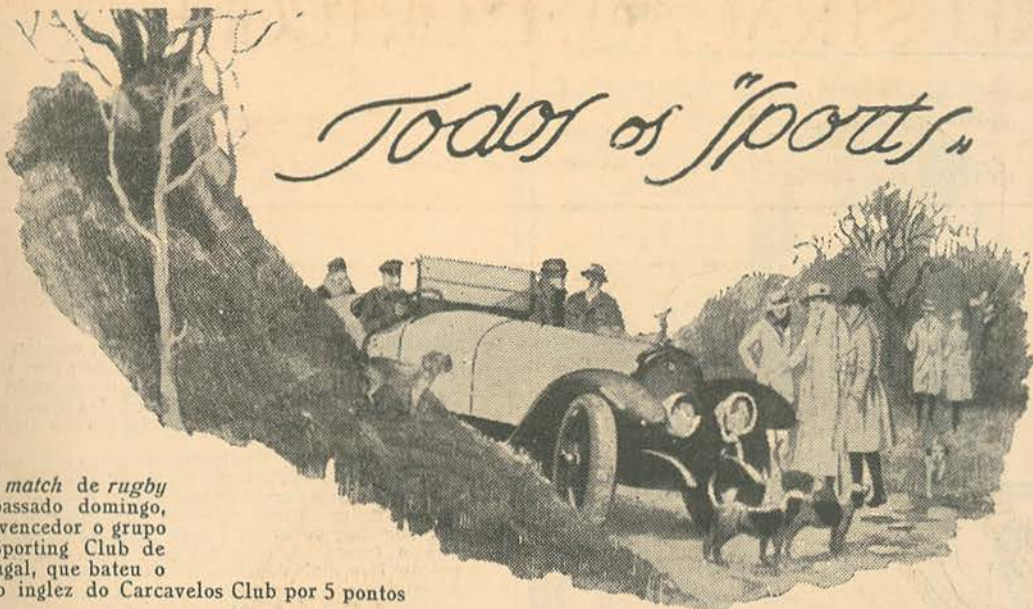
MAQUINAS DE ESCRIVER

Novas e usadas. Reparaciones e reconstruções garantidas. Acessorios, I. Anão & C.ª, Ltd.ª, R. FANQUEIROS, 70, 2.ª.—Tel. 3536 N.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr corôas d'ouro, dentes sem placa.
 R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.

Todos os "Sports"



No match de rugby do passado domingo, saiu vencedor o grupo do Sporting Club de Portugal, que bateu o grupo inglez do Carcavelos Club por 5 pontos a 3.

O jogo realisou-se no campo do Stadium, arbitrado pelo conhecido *sportman* sr. Xavier de Araujo. A bola de saída coube ao Carcavelos Club, que conseguiu dominar o adversario durante os primeiros minutos do jogo. São marcadas varias penalidades, continuandó os inglezes a dominar até final da primeira parte.

Começa o segundo tempo e o Carcavelos Club marca o primeiro ensaio (3 pontos). Os homens do Sporting jogam agora com mais acerto e calma. E' então que Aragão Andrade faz uma rapida fuga com a bola e consegue marcar o primeiro ensaio (3 pontos) a favor do seu club. Bailiache, muito oportuno, consegue, então, um goal a favor do Sporting Club de Portugal (2 do Sporting são dignos dos maiores elogios pela maneira como se portaram perante um grupo forte e bem treinado. Dentre ele destacamos Aragão Andrade, o distincto *sportman* que tão bem se tem conseguido classificar no ring e que nos dá, agora, mais uma prova de seu valor desportivo, marcando francamente na linha de rugby do Sporting Club de Portugal.

A assistencia ao match foi regular.

—Foi no campo de Palhavã que, no passado dia 14, se jogou o desafio entre o Casa Pia Atletico-Club e o Vitória Foot-Ball Club, de Setubal, do qual ficou vencedor o primeiro destes grupos por 3 bolas a 2. O arbitro, sr. Ilídio Nogueira, deu começo ao desafio alinhando os dois teams com homens de categorias inferiores. O jogo começou sem interesse, sobresaindo apenas alguns bons pontapés de Pinho, do Casa Pia. Foi Rosmaninho que conseguiu a primeira bola da tarde, marcada a favor deste club. Os homens de Setubal desenvolveram

jogo, reagindo com vontade, e assim conseguiram a sua primeira bola. Pouco depois, Lopes, meia ponta esquerda do Casa Pia, marcou o segundo goal a favor do seu team. Depois de algumas boas avançadas do Victoria, falhas de resultado, Rosmaninho conseguiu o terceiro goal.

Na segunda parte o jogo começou bastante equilibrado, mantendo-se assim quasi até ao final.

Antes deste, Domingos, do Victoria, conseguiu a segunda bola, termindo a seguir o desafio. Do Casa Pia salientaram-se Pinho, Gralha e Viegas, que teve boas defezas, principalmente na segunda parte do jogo.

Do Victoria todos estiveram infelizes, falhos de energia, caso para estranhar neste grupo.

—O desafio entre o Carcavelinhos e o União Lisboa realizou-se, a seguir ao precedente, no campo de Palhavã, tendo como resultado um empate por 2 bolas a 2.

Boaventura da Silva não compareceu, tendo arbitrado em seu lugar Alberto Augusto.

Logo no começo do jogo um dos players do Carcavelinhos toca com a mão na bola dentro da área de grande penalidade, a qual é marcada, dando logar á primeira bola a favor do União Lisboa. Canuto, do Carcavelinhos, estabelece o empate, terminando assim a primeira parte.

No segundo tempo o Carcavelinhos dominou mais acentuadamente o seu adversario, até que o meia ponta esquerda do União conseguiu a segunda bola. Passados alguns minutos de jogo, o Carcavelinhos alcançou o empate. Os dois clubs não jogaram bem, notando-se, no entanto, superioridade da parte do Carcavelinhos.



Gravura antiga, representando um espectáculo de lueta, ha trinta anos, numa barraca de feira



IDEA GERAL DA BELEZA HUMANA

EM que consiste a beleza? Aqui está uma pergunta que embarca qualquer. A razão é simples: é que a beleza, em toda a sua perfeição, concebese mas raramente se encontra em uma só pessoa. Acrescento que os gostos são muito variados e para uma beleza agradar não é necessário que ela seja isenta de defeitos.

Sem embargo, a beleza tem condições próprias, que dependem das formas físicas e das qualidades moraes, e quasi sempre mais dos ultimas do que das primeiras. Algumas vezes encontramos uma mulher formosa, sem contudo ser bela.

As linhas do seu rosto são irrepreensiveis, as formas e proporções do seu corpo tornam-se-lhe dignas dum a escultura, e apesar d'isso, não nos agrada. Falta-lhe não sei o que. E' a graça, é um espirito bem cultivado, outras vezes é a modestia, é o movimento que passa da alma á fisionomia, aos olhos, ao sorriso, ás acções mesmo, e que nos revela todo o seu sentir. Portanto, como estatua, é bela, mas como mulher não o é em absoluto, porque tem a alma fria ou melhor defectuosa e não lhe dado é oculta a.

Os antigos dividiram a beleza, cujo culto se propogou até nossos dias. E se, entre nós, já não é divindade adorada nos templos, ainda não deixou de ser idolo a que a toda a hora se rende preito.

Pois bem, os gregos que de todos os povos da antiguidade foram os mais justos apreciadores da beleza, instituíram festas em que creanças de ambos os sexos disputavam o 1.º premio de beleza. Mas o que é verdade é que foram elles tambem que nos deixaram esta sentença, pronunciada pelos juizes no acto de coroar os vencedores, sentença que pode considerar-se como a melhor, senão a mais completa definição da beleza: «Só merece o premio da beleza o que encerra uma alma virtuosa num corpo cheio de vigor e formosura. Só é digno do premio o que reúne a beleza do corpo e da alma.»

A ideia, pois, que os antigos tinham da beleza era grande e elevada. No homem não a consideravam simplesmente um conjunto simétrico de perfections moraes. Não entendemos necessário acrescentar a beleza dos sentimentos. Com effeito, a beleza não consiste em certas formas, em certas proporções determinadas, mas sim na harmonia e relações dessas formas com o conjunto das funções e faculdades do individuo. O que nos leva logicamente a esta conclusão: A beleza humana é a expressão sensível da harmonia física, moral e intellectual, reunidos em cada Pessoa.

Tão necessaria é á beleza esta feliz combinação de qualidades, que, assim como uma pessoa formosa no fisico repugna se é despida dos encantos das virtudes, assim tambem perde uma grande parte do seu merecimento se não a acompanham as maneiras e a instrução precisa para suprir muitas vezes á graça natural.

E se a poucas pessoas é dado possuir a beleza física, em

compensação, a quasi todos é possível corrigir muitas dessas imperfeições — com arte e expressão; para o que é preciso um pouco de vontade e a cultura do espirito.

A cor da pele ainda é mais indispensavel á beleza do que a forma, é uma das qualidades que mais atraem, porque fere mais depressa a vista e desperta em nós a ideia da saúde.

A expressão é a linguagem dos musculos. As posições, atitudes, gestos, movimentos da cabeça e dos membros, tem uma linguagem que, submetida a regras, constitue a mimica. E' uma arte.

Porém, como todas as artes, tem por inimiga a affectação. Qualquer excesso, não só na expressão, como até nos adornos que a moda estabelece, destróe o effeito artistico, que, para ser bello, deve parecer natural, sem cair no ridiculo.

Nossos olhos, nos traços do rosto, e onde principalmente se reflectem os movimentos do espirito. Segundo alguns fisionomistas, a mais bela expressão do rosto é a que resulta dum mixto de alegria e bondade. Um rosto com expressão dura ou desagradavel perde metade de seus encantos. Um rosto imóvel parece privado da vida.

O movimento e a expressão animam a fisionomia, o respo-
so absoluto petrifica-a.

Cada movimento tem a sua graça. A graça revela especial educação, intelligencia desenvolvida e harmonia perfeita entre o fisico e o moral. A graça é para o corpo o que o perfume é para as flores.

ETAGÈRES

Flores, bibelots, livros, todas estas cousas encantadoras, cheias de graça e de espirito, absolutamente indispensaveis para crear uma atmosfera de intimidade e de conforto na nossa casa, são contidas á fragilidade do «etageré» para mais facilmente nossos olhos os encontram em horas de descanço ou de «réverie».

Coquete e pratica, tal deve ser uma «etageré», porque é para o capricho e comodidade que ella é destinada. E' a nota des-
preocupada e original que
que a mão se esten-
de á procura
do livro preferido
familiar,
de algum que
nos é caro, ou
de um bibelot
que nos
agrada pelas
suas cores ou
pela sua forma.

O modelo que aqui referimos demonstra como é elegante e comoda uma «etageré» feita com um espelho ao qual se adaptou uma regua pintada a «ripollin» branco, por meio de um forte cordão que a suspende por os quatro cantos, como a gravura mostra, terminando por quatro borlas.



sem lhes juntar outra carne qualquer, a parte fibrosa é a unica que se não conserva insípida.

OLAR

CONTRA O ALCÓOLISMO

O uso do chá de eucalipto para combater o alcoolismo vai-se espalhando muito na Bretanha, graças ao esforço de uma sociedade de mainheiros.

Em janeiro de 19 4, por uma mera casualidade, os mainheiros, socios daquela sociedade, beberam umas chaves dessa infusão, quente e com assucar, e tão bom sabor lhe encontraram que a adoptaram como bebida e de tal maneira a espalharam que hoje, na Bretanha, em qualquer restaurante, be-se uma chavena de chá de eucalipto tão vulgarmente como aqui bebemos uma chavena de chá da China.

Devido ao insignificante preço das folhas de eucalipto, esta infusão constitue um verdadeiro chá economico, que para ser saboroso precisa ser feito da seguinte maneira: em cada litro de agua á ferver deitam-se cinco ou seis folhas de tamanho regular e deixam-se de infusão até que a agua esfrie o bastante para se poder beber. Devendo haver o cuidado de que esta infusão não seja muito prolongada, porque, nesse caso, a bebida, em vez de ter um sabor agradável, teria, um gosto acre, amargo e muito desagradavel. No entanto, fazendo-o com cuidado, obtém-se um chá aromático e dotado de certas propriedades terapeuticas para o terrivel alcoolismo.

A PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS

E' geralmente conhecido o modo usual de cozer as carnes, aves, peixes e legumes pela decoção na agua, mas é fora de duvida que os alimentos cozidos em agua simples, apesar de modificados pela decoção prolongada, são menos saborosos, menos apettitosos. A carne cozida, sobretudo, é a menos nutritiva, por isso que foi submetida por maior tempo á ebulição, que a despoja infalivelmente das suas partes aromaticas e nutritivas.

Diz, porém, um habil pratico que é possível cozer uma carne qualquer por decoção, sem lhe tirar a sua substancia. Se, por exemplo, em vez de agua, deitarem numa panela, caldo já feito, e lhe juntarem a carne, esta perderá a menos substancias, porque a agua, ao passo que se encontra com as substancias que se dissolvem, perde a sua propriedade dissolvente. Obtem-se o mesmo resultado deitando na panela muita carne e pouca agua.

Não decoção, as carnes brancas perdem mais a substancia do que as outras. Fazendo-as cozer em muita agua,

Menús da Semana

Domingo		Quarta feira	
Almoço	Almoçosa com arroz Costeletas de vitello á jardineira Café com leite	Almoço	Sopa de purês de grão Ostras recheadas Lingua á jardineira Pudim de leite
Jantar	Sopa de nabos Peito de vitello Frango á caçadora com salsa de alface Grelha de chocolate	Jantar	Sopa de batatas com feijão branco Cabeça de porco com chouriço de sangue e hortaliça Bolo de melão
Segunda feira		Quinta feira	
Almoço	Atum com batatas cozidas Omelete de marisco Café com leite	Almoço	Salpicão com carne lombarda Ovos á portugueza Café com leite
Jantar	Sopa de peixe Arroz cozido com arroz Arroz doce de amendoas	Jantar	Sopa de purês de grão Ostras recheadas Lingua á jardineira Pudim de leite
Terça feira		Sexta feira	
Almoço	Costeletas de porco panada cozidas com batatas fritas Grelha cozida - ou modo de azeite e vinagre café com leite	Almoço	Bacalhau guisado Ovos estufados Café com leite
Jantar	Garni guisada com couve-frita Garinha com salsa Bolo ingiez	Jantar	Caldo verde Arroz de poivro Lulas recheadas com salada Bolo economico
Almoço	Sabado		Jantar
Linguiça com ovos Biscuitos á italiana Café com leite	Sopa de pão Carne cozida á portugueza Pombos Ovos estufados Bolo de...		

MODO SE AQUECER E ILUMINAR A SALA DE JANTAR

No inverno deve haver todo o cuidado em aquecer a sala de jantar uma hora antes, tendo a precaução de não o fazer demasiadamente. Uma sala de jantar muito quente é tão desagradavel como quando está muito fria.

E' muito importante, quando se janta com luzes, que a mesa esteja bem iluminada; já dizem os antigos: vale mais um prato de menu a mesa de luz do que a mesa sem luz.

Os candieiros suspensos no tecto produzem sempre um exlito excelente.

Tambem o uso das velas em grupos ou candelabros suspensos das paredes dá uma luz e um calor agradaveis. Os candelabros são vistosos mas tem o inconveniente de estarem muito visinhos dos convivas. O lustre é, pois, o ideal. Lustre á idade média, ou lustre á turista, mas lustre sempre.

CONSELHOS DE BELEZA—A HIGIENE DA PELE

A pele é muitas vezes a porta de entrada de muitas doenças e, para o evitar, a unica forma é conservar sempre um melancioso acido. Para conseguir ter a pele sempre fresca e para evitar que ella seja o vehiculo de infecções e de doenças é preciso recorrer aos banhos, abluções e fricções que não só a limpam como impedem que se depositem nos seus poros, filtrando-se por elles, germens microbiodos. Tambem varios preparados dão luçancia e brilho á pele, avigorando-lhe a beleza e garantindo-lhe a elasticidade. Entre estes citaremos a agua de morangos, de vinho, de malvas, de lilio, as lagrimas de videira e a agua destilada de mel, de favas, de rosas, o succo de melão e de cevada verde, as emulsões de sementes frias, o leite e pasta d'amendoas, as loções mucilaginosas e emolientes, os banhos de leite, de leite, de gelyna, etc. Mas se a leitora quer uma boa pasta para a pele, aqui lhe deixamos uma receita muito usada pelas damas venezianas.

Flor de farinha d'avela.....	100 gramas
Mel branco.....	32
Clara d'ovo.....	2

Agite-se até formar uma pasta que se aromatizará com agua de flor de laranja.
Repetidos: tratar da pele é conservar a saúde.



A dália vermelha

Aquela dália rubra ao peito ardente,
Lembrava um corpo em flôr todo em desejos...
Era uma boca a rir, perdidamente,
Num desvaio de côr, de sol e beijos...

Trouxe-a ao peito em idílicos anseios,
Como uma grande lua feita em braza!
E tinha as curvas rítmicas dos seios
Geitos de quem abraça, geitos d'aza.

Hoje, num solitário, desolada
Como velha rainha abandonada
Chora a sua beleza decaída.

Pê' las tореidas...—Lembram a alma aos gritos,
Dedos enclavinados, boca em rictus,
Gestos nervosos d'aza espavorida!...

OS LILAZES

Perturba-me o perfume dos lilazes,
Que eu vejo no teu peito, assim debruçosa!
Não sei porquê, recordam certas frações
Em que tu pões desejos e soluços.

Os teus lilazes enchem-me de enlelos,
Princezinha gentil d'antigas lendas!
Assim curvados a espreitar os seios
—Dois cordeirinhos mansos entre rondas.

E se o teu peito bate mais depressa,
Mando recordes uma ideal promessa
Que alguém, a quem tu queres, te fizesse...

Os dois lilazes sentem-no, e palpítam
Ao ritmo dos teus seios, que se agitam
Nervosos, como os beijos que eu te dêsse!

ALEXANDRE DE CORDOVA

*Ver a correspondência
relativa a esta secção
na coluna respectiva*

EFEMERIDES DO ANO DE 1922

Seleccionadas por ZOILO

Ilustradas por BERNARDO MARQUES

MAIO

No dia 4, manue-
listas, integ-
ralistas e le-
gitimistas dão
o dito por não
dito... Era
uma vez o pa-
cto de Paris! A
Republica po-
de dormir descansada...



Em 17, os avia-
dores partem de
Fernão Noronha
para os Pene-
dos; dá-se o se-
gundo desastre
e, em 12, o sal-
vamento, pelo
Paris-City.
Hurrah!



Em 17, tres ou-
tros aviadores por-
tuguêses realizam
o raid Lisboa-Ma-
drid. *O! O!*
...e correm, no dia
26, insistentes bo-
atos de que a desor-
dem publica conti-
nua inalteravel...



JUNHO

Em 2, afirmam, os jornaes, que
os pavilhões portugêses da Ex-
posição do Rio de Janeiro esta-
rão prontos quando da inaugu-
ração da referida Exposição. *E
o está!*...

Ardem, no dia 3, os armazens
dos Transportes Malditos, co-
municando-se o incendio ao
Machico o qual, sendo dos raros navios que escaparam a ser embar-
gados, por pouco não foi vitima de tão inadmissivel excepção!



Em 4, chegada triunfal
dos aviadores a Pernambu-
co; em 8, á Bahia, e, em 17,
ao Rio, onde Gago Contín-
ho e Sacadura Cabral as-
sentam, definitivamente,
em dividir o trabalho: fi-
cando a cargo do primeiro
receber os beijos femininos
do entusiasmo e, do segundo, pagal-os.
Felizardos!...



Em 18, a intensifi-
cação da repressão do jogo
acentua-se como nunca.
São presos mais pontos
e... virgulas que veiu a
provar-se nunca terem
jogado nem... os quatros
cantinhos!



Regista-se, em 20, um caso
sem precedentes: o *sud ex-
press* ter chegado com 3 horas
e 25 minutos apenas de atrazo!



Em 25, é apro-
vado o novo uni-
forme dos chefes
de policia, com o
que muito tem
aproveitado o pro-
blema da ordem
publica.

Foi autorizado, em 28, o aumento
das tarifas telefonicas (50 % para os
particulares e 75 % para os co-
merciantes) e, talvez como comemo-
ração do festivo facto, consegue-se,
finalmente, n'este dia, obter a li-
gação pedida em 6 de janeiro
para... prevenir os bombeiros de
que ha fogo em casa do assinante.



Em 29, a ordem publica mais
uma vez se oferece combalida, vol-
tam a realizar-se prisões e... a se-
rem, os presos, restituídos á liber-
dade. N'este ambiente de anor-
malidade... normalisada se en-
cerra o mez e o primeiro semestre
do ano da graça do ex-Nosso
Senhor Jesus, Cristo de 1922.

JULHO

O segundo semestre
do ano aflorou por en-
tre boatos de revolu-
ção, que vieram a con-
firmar-se no decorrer
da noite de 8 para 9.
Prisões. Torre de S. Julião e... seis
mezes depois, o banho lustral do jul-
gamento...



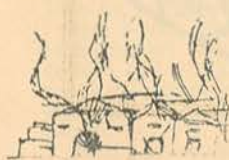
Em 7, começa ou-
tra ordem de captu-
ras: a dos zangãos
da rua dos Capelis-
tas... Apenas não
foi preciso capturar
muitos, porque os cambios acusa-
ram logo a melhoria que era de
suprór...



Um redu-
zidissimo
numero de
credores dos
Transportes
Malditos
apela, em
20, para o Parlamento, no sentido de
lhes ser pago o que lhes devem...



...e, em
27, parece
que, a pe-
dido de va-
rias fami-
lias, repe-
te-se o in-
cendio (do
dia 3 do
mez anterior) nos armazens dos mes-
mos Transportes Malditos que, por-
tanto... ardem segunda vez.



Segue para o Brasil
em 22, o *Pedro Nunes*
carregado de pavilhões
portuguêses, para a
Exposição...

...em 24, a melho-
ria do preço da vi-
da faz-se sentir por



mais um aumento de
preço das barbas...

...e, em
26, um nu-
mero, tam-
bem mu-
ito reduzi-
do, de cre-
dores dos
Transpor-
tes Malditos, de Moçambique,
(ha-os espalhados por todos
os continentes) reclama, por
igual, que lhes paguem...



Em 2, faz-se particularmente sentir a falta d'agua, em Lisboa, porém, dado o recente aumento do seu preço, essa falta não chega a ter efeitos economicos. Morre-se de sede, mas paga-se o mesmo...



Está para estalar, no dia 5, uma greve de manipuladores de pão; estalam boatos de crise ministerial e...

...de 7 a 14, é um simulacro do cães: a questão do pão, greve geral que nunca encerramento da C. G. T.; bombas; prisões, etc., etc.

Mas, ao 11.º dia, isto é, em 18, fiat lux... no que respecta aos Transportes Malditos, descobrindo-se que a respectiva divida não vae muito além de uns setenta mil contos. Um pau por um olho!...



Em 20, declara-se, emfim, a crise ministerial pairante, crise que vem a terminar, em 25, pelo alijamento do ministro das finanças e mais as suas propostas idem...



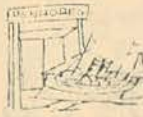
...em 26, embarca para o Rio de Janeiro o chefe do Estado, a bordo do Porto que, n'esse mesmo dia, lança ferro no seu primeiro porto de escala, em frente do Posto de Desinfecção...

...e chega o eminente professor Emilio Coué, por infelicidade não já a tempo de aplicar ao sobredito Porto o tratamento medeante o qual faz andar os paraliticos...



Em 28, o Porto lá prossegue viagem, a 13 milhas... para os lados...

...e, em 29, chega a noticia de ter sido arresado, por dividas, e m



Pernambuco, mais um navio dos Transportes Malditos: o São Jorge...

(Conclue no proximo numero)

DENTIFRICOS

dos RR PP

BÉNÉDICTINS

DE SOULAC

ELIXIR

PÓ

PO

SABÃO

EM CAIXAS DE ALUMINIUM

REELLEMENT FRANÇAIS

SABAO CAIXA ALUMINIUM

PASTA

EM CAIXA E EM BISPAGA

PASTA-SABÃO

EM CAIXA E EM BISPAGA

PASTA ou PASTA-SABAO

A' venda em todas as farmacias e casas de perfumaria.

Representante e depositario para Portugal:

A. VICENT, Rua Ivens, 56-2.º, Lisboa—Tel. Cent. 1858



AMAR!

E

MPALIDECEU, horrivelmente, perante a inesperada revelação e indagou com voz alterada:

— E agora, minha pobre Rosa, que vai ser de ti?...

Rosa encolheu os ombros...

— Mas não vês, desgraçada, que dentro em pouco tempo não poderás mais encobrir o teu estado?!

— Bem sei, tia Joana, e por sabel-o e ter a maior confiança na sua amizade é que venho perguntar-lhe, a si, o que devo fazer...

— E teus pais? insistiu Joana, sem lhe responder.

— Bem sabe que só gostam de minha irmã... e que minha mãe, sobretudo, em se tornando conhecido o horror da minha falta, será a minha mais implacável acusadora!...

— Exageras!... Esqueces quanto teu pai te quer bem!

A joven esboçou um gesto de desalento, escondeu o rosto nas mãos e desatou a soluçar. Então, a tia Joana, abeirando-a, disse-lhe comovida:

— Fizeste bem em confiar na amizade da tua velha tia. Ficarás comigo. Eu me entenderei com teus pais. Deixa tudo por minha conta.

Emudecida pela comoção, Rosa lançou-se-lhe nos braços, beijando-a nervosa, enternecidamente...

Formosa e de sua natureza elegante, dentro da modestia da sua condição, Rosa ainda não completara 17 anos. Vivía, com seus pais, numa pobre casa dentro dum pateo, a Campolide. Eram todos muito estimados no sitio, por serem gente de bem. O pai, marceneiro de seu officio, homem rude e de genio violento, quando se zangava, no fundo era uma excelente pessoa: trabalhador e honesto.

La num ano que Rosa vinha sendo requestada pelo «menino Luiz», o filho do dono da officina onde trabalhava o pai. Estudante, de 20 anos, amavel e simpatico, a pequena sentira-se naturalmente atraída para ele. E, apoz um curto namoro, tornára-se sua amante, compreendendo, mezes decorridos, que não tardaria em ser mãe...

Envergonhada, nada disséra, durante algum tempo. Até que, naquele dia, se resolvera a dar a boa nova ao seu muito amado. Assim, com que alegria aguardava a hora em que deveria encontrar-se com Luiz!

Num bairro distante do seu, em rua escura e misteriosa, tinham eles o seu Paraiso. Modestissima aguarfada que o rapaz alugára e onde Rosa encontrára toda a felicidade que o seu sentimentalismo e a sua sensualidade, ainda mal despertada, jámais haviam idealizado!

Quasi correndo chegou á rua, como sempre, quasi deserta, embrenhou-se pelo corredor que dava acesso á escada, galgou-a em poucos segundos... Mas uma hesitação, um grande receio a ilaqueou no momento de bater

na porta... Logo, porém, a sensação do pequenino ser que se lhe agitava no seio, filho do grande amor de ambos, lhe restituiu a coragem e foi com mão firme que bateu.

Abriu-se a porta e um rapaz trigueiro, de cabelos e olhos negros, lhe estendeu os braços, com um sorriso alegre e amante a brincar-lhe nos labios. Ao sentir-se abraçada com tanto carinho, Rosa sentiu que uma lagrima de ternura lhe humedecia as palpebras.

— Então que é isso?! interrogou-a ele, notando que com pranto correspondia, a amante, ao seu alegre e acolhedor sorrir. Estás a chorar?! Que tens?...

— Não é nada...

— Não é nada e choras?!...

— Sim... alguma coisa é... Uma coisa que tenho para te dizer...

Pegou-lhe, então, nas mãos, obrigou-o a chegar o ouvido aos labios dela e muito devagarinho, como que a medo, deu-lhe a grande noticia.

Fazendo um grande esforço para disfarçar a comoção que se apoderára dele, Luiz interrogou-a:

— Tens bem a certeza do que dizes, Rosinha?

— Sim, meu amor, e sinto-me tão feliz, tão contente! Um filho teu... um filho nosso!... Mas que tens tu?...

Parece que não partilhas da minha alegria...

— Que idéa!...

— Acho-te frio!...

— Estás louca!

— Não! não estou louca, apaixonada é que eu estou... por ti!... E, daí, quem sabe se tens razão?... Louca por ti... que és meu... e, agora, ainda mais meu! para sempre, não é verdade?...

— Quem duvida?! De mais tu o sabes, como sabes que se, por causa de meu pai, não posso santificar, pelo casamento, a nossa união, saberei á força de affecto, rodeando-te de carinhos, santificar a pelo sentimento!

— Como tu és bom, meu Luiz, e como eu te amo!...

Nunca mais, Rosa, o viu...

Pobre Rosa!...

Decorridos mezes, soube, pelo pai, que o filho do patrão partira para a Alemanha a completar os estudos. Era facil de compreender... Assim fugira ás responsabilidades que sobre ele pesavam.

— Cobarde! repetia, para com ela, a pobre, resignada...

De que infames mentiras haviam sido tecidas as frases que aquele homem empregára para a prender na teia da sua sedução?! Sentia bem, agora, que a sua alma, agonisante de incerteza, não poderia ser sincera... Não obstante, quanto mais desejava odiar esse monstro que tão fundo a martirisara, tanto mais reconhecia que no intimo do seu ser persistia viva, como no primeiro dia em que o vira, aquela paixão louca e violenta!

E foi então que, por uma tarde triste de Dezembro,

se dirigiu a casa da velha tia Joana, a contar-lhe toda a sua desventura...

Apezar do luar iluminar o espaço, envolvendo a cidade num glorioso manto de luz, em casa da tia Joana as janelas mantem-se fechadas e as cortinas corridas. No modesto quarto da boa creatura, Rosa, deitada na cama, aconchega ao seio a filhinha recém-nascida.

— Sentes-te bem?...
— Perfeitamente!...
— E feliz com a tua Luizinha?...
— Oh! sim!... feliz!... muito feliz!...
— Nesse caso, nada de pensamentos ruins...
— Que quer dizer?...
— O que eu quero dizer, sabes tu muito bem... E' dedicares-te, agora, de corpo e alma á filha e, de uma vez para sempre, não penses mais no patife do pai!

— Não devo pensar... portanto, não pensarei...
— Estou farta de te ouvir dizer isso, mas vais pensando sempre! Gabo-te a pachorra! Todos a mesma cambada! Não valem mais uns, que outros! E, a grande asneira, é uma pessoa atormentar-se com semelhante peste!

— Não se zangue, tia Joana! Repito-lhe que me sinto felicissima, agora... e bem segura de deixar de lhe querer, a ele, tanto sinto que só viverei, daqui por deante, para amar a minha adorada filhinha!

Seis anos decorridos, morria Luizinha e, logo apoz, Rosa desapareceu.

O que a pobre tia Joana chorou!... Quantos funebres pensamentos lhe acudiram ao conturbado espirito!... Por fim, perdidas as esperanças de obter o menor indício do destino misterioso da sobrinha, dera em assentar em que se suicidára... E era com o mais fundo enternecimento que constantemente recordava as horas felizes que passára junto da mãe e da filha, mortas agora, ambas, segundo o supunha...

Naquella noite, mais do que de costume, a saudade a lanceava. Talvez por ser de Carnaval e recordar-lhe a do ultimo ano que haviam passado juntas. Bem modestamente comemorado, em familia, as tres sósinhas... Em todo o caso eram três e, agora, via-se só uma...

Entregue a estes pensamentos a tia Joana encaminhava-se para casa, o mais depressa que as tropegas pernas lh'o permitiam. Desviando-se cautelosamente das carruagens e dos autos que se cruzavam, notou que se encontrava junto do teatro de S. Carlos. E toda essa anima-

ção e alegria que a cercavam, mais lhe exacerbaram a maguada consciencia da sua solidão e a dolorida recordação daquelas que haviam sido alegria sua... Sentiu, nesse momento, que os olhos se lhe embaciavam... Duas lagrimas, mais densas e mais cauterisantes que as habituais, forçaram-na a cerral-os e, pois, que ia atravessando o largo fronteiro ao teatro, por pouco esse engehecimento momentaneo não foi causa de que um automovel a colhesse.

Desviando-se para o passeio, reparou que o auto parára junto á pequena arcada, apeando-se dele um homem alto, gordo, bem vestido e extremamente corado, o qual ajudava a descer do carro, com amabilidade, uma senhora muito loira, envolta em sedas e peles. Ao vê-la, a velha tornou a sentir os olhos rasos de lagrimas e um brado de surpresa lhe irrompeu dos labios, brado que, atraindo a atenção da dama loira, a fez voltar a cabeça. Foi a vez, então, de tambem esta se ficar estatica, durante um curto momento. Logo se dirigiu, porém, em voz baixa, ao companheiro, que se afastou um pouco discretamente, enquanto ella se encaminhava para a tia Joana e, pegando-lhe nas mãos, beijando-lhas, lhe dizia numa vibração de todos os seus nervos:

— Reconheceu-me!... Que mal me faz tornar a vê-la!... Não calcula... E' o passado... todo o meu passado que revive... sonhos desfeitos... ilusões perdidas... Não calcula, não pode suspeitar, sequer, o que tem sido o drama da minha vida, desde que o destino... ou a desgraça, atravessou Luiz no meu caminho!... Quando nos encontramos, era eu uma creança... foi o primeiro homem que me dirigiu palavras ternas e cariciosas... Sabia eu, sequer, que deveria precaver-me, desconfiar?!... Entreguei-me ao sentimento que ele me inspirava, sem reservas... de olhos fechados... Bem de olhos fechados!

— Minha pobre Rosinha!
— Já nem isso sou... Mudei de nome... como, os meus cabelos, mudaram de cor... Tudo, em mim, mudou!... Sou outra... A «pobre Rosinha», que a tia Joana conheceu, morreu, de facto, no mesmo dia em que morreu a sua pequenina Luiza... E' que essa Rosa, toda sinceridade e bondade, vivia só para amar — e eu... eu, amo... para viver!...

E atirando um beijo, nas pontas dos dedos, á velha, que a escutára atonita e como que assombrada, a dama loira desapareceu por entre a multidão...



MARTHA

Barreto & Gonçalves

JOALHEIROS

17, R. EUGENIO DOS SANTOS, 17

Queiram V. Ex.^{as} vir admirar o esplendor do sortimento em joias, pedras preciosas e pratas artisticas.

Compram pelo melhor preço, ouro, prata, platina, pedras e joias antigas

Viana, Coelho, Almeida & C.^{ta}

27 — PRAÇA LUIZ DE CAMÕES — 29

RUA DO LORETO — 1 a 9

Especialidades em artigos de mercearia, chá, café e artigos de confeitaria

Gotas Divinas

E *Flor de Oro*, produtos ideaes, para tornar o cabelo na sua cor primitiva. Penteadora a Madrilena, R. Diario de Noticias, 41, r/c.

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

20 — JANEIRO — 1923

N.º 883



D. VEVA DE LIMA

Ilustre escritora que realison, ha dias, na Liga Naval, uma conferencia de feição tão pouco ortodoxa, sob o ponto de vista republicano, quanto interessante sob o ponto de vista literario

O Oiro de Portugal



Cachoeira Diogo Pena no Rio Quilja
(S. Tomé)

O oiro de Portugal é a terra, o trabalho da terra. Não temos minas. A colheita do oiro em Portugal não se faz trabalhando, minando as profundezas da terra.

O nosso oiro não existe no sub-sólo. Existe no solo. Rompe á clara luz do dia. A colheita faz-se cantando.

Temos flôres que, banhadas da graça de uma Rainha Santa, já foram pão.



Condução do cacau da Roça Traz os Montes para a Vila da Trindade



Entrada da Roça Vista Alegre (S. Tomé)

Temos flôres que, banhadas da graça do sol de Portugal, são o oiro de que precisamos.

São as flôres, em cacho, das videiras.

São as flôres que vestem o corpo delgado dos cacauceiros.

Acabou a vindima em Portugal. Colheu-se o oiro das uvas entre a alegria vibrante dos ranchos das raparigas.

Começa, intensifi-

O verbo PRODUZIR precisa de gritar-se por toda a terra portuguesa com a mesma fé como que as bocas de gente moça gritam o verbo amar!

ca-se nestas Ilhas, a apanha do cacau entre a ancia de produzir, a febre do trabalho, a disciplina forte, sadia dos nossos trabalhadores.

As Ilhas de S. Tomé e Príncipe, pequeninas, com uma superficie que não chega a 1.000 quilometros quadrados, realisam a maravilha de produzir, só em cacau, á roda de cem milhões de escudos.

E' que, aqui, ha um culto fervoroso pelo trabalho. Não sei de canto, em Portugal, onde mais se trabalhe, onde mais se procure arrancar á terra a fartura, a abundancia — o oiro.

Têm autoridade moral estas Ilhas para gritar bem alto a Portugal inteiro que é preciso produzir cada vez mais, que é preciso pôr uma barreira de trabalho, de fé, á carreira louca e desordenada da l'ra. O verbo «produzir» precisa de gritar-se por toda a terra portugueza com a mesma fé com que as bocas de gente moça gritam o verbo «amar».

E o primeiro canto de Portugal a grita-lo, de maneira a ouvir-se por toda a parte, são as Ilhas de S. Tomé e Príncipe.

Egydio INSO



Quebra do cacau



Caminho do ferro aéreo na roça Ribeira Palma
S. Tomé

CORPO DIPLOMATICO EXTRANGEIRO



(Cliché Furtado & Ret.)

AS GENTIS FILHAS DO SR. EMBAIXADOR DO BRASIL EM LISBOA
 Da esquerda para a direita: D. Virginia, D. Carlota, D. Clara e D. Lidia Cardoso d'Oliveira

Secção * * * * *
 * * * * * Editorial
 * * * * * de * * * * *
 "O SECULO"

VOLUMES A SAHIR:

Enciclopedia PORQUE
 COMO E PARA QUE
 «BOAS MANEIRAS»
 50 centavos

Colecção de romances
 Illustrados
 «QUO VADIS?»
 1 escudo

O romance popular
 "O Guarany"
 250 centavos

ARTE E ARTISTAS



Inaugurada, no dia 12, no Salão da *Ilustração Portuguesa*, a exposição de quadros do ilustre pintor espanhol Vasquez Dias, exposição a que já nos referimos no anterior numero, foi grande e escolhida a assistencia a este acto. Na nossa fotografia, que representa uma parte d'essa assistencia, vê-se o expositor, tendo, á direita, o sr. ministro de Hespanha e, á esquerda, o sr. ministro da Instrução (Cliché Saigado).



Sol posto (Praia das Maças)



No Salão Bobone tambem foi inaugurada uma nova exposição de quadros do pintor sr. Adriano Costa (no medalhão, o retrato do expositor) a que, por equal, no nosso anterior numero, nos referimos como expositor no Salão das Belas Artes.

N'esta nova exposição do apreciado artista figuram 33 telas muito interessantes, das quaes damos dois especimens.

A NOSSA CAPA

E' a reprodução do lindissimo retrato em sanguinea do menino Manuel Victor Guerreiro, filho, pelo malogrado e grande artista Constantino Fernandes.



MARVILA (Praia das Maças) (Clichés João Segura).

Concurso das Mascaras Misteriosas

Com a publicação das duas ultimas mascararas do nosso sensacional **concurso das mascararas misteriosas** fica encerrada, hoje, a primeira etape do mesmo concurso. Conforme as respectivas condições, principiar-se-ha a contar, tambem desde hoje, o prazo de mais **um mez** para recepção de decifrações tanto do continente como das ilhas, o que quer dizer que, terminando, esse prazo, em **20 de fevereiro**, no numero de

24 do mesmo mez, a *Illustração*, serão publicados os nomes das dez actrizes e dos dez polticos a quem correspondem as mascararas publicadas, bem como os dos concorrentes premiados.

Resta, portanto, ainda um mez, aos nossos leitores, para se habilitarem aos premios em questão, em numero de tres, a saber:

1.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de **TODAS AS MASCARAS**.

2.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de **TODAS AS MASCARAS FEMININAS**.

3.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de **TODAS AS MASCARAS MASCULINAS**.

E' constituido, conforme temos dito, o referido

1.º premio

por um magnifico tapete de Arraiolos, do qual inserimos hoje, mais uma vez, a reprodução fotografica

ca, que nos foi gentilmente oferecido, para o effeito, pela firma Rosado & Pinto, por intermedio da directora artistica da respectiva fabrica, a sr.ª D. Jacinta Leal Rosado.

Mede, o referido tapete, 1,º20, por 1,º40 e, as suas cores, cinzento, em varias gradações, castanho, preto, azul e verde, formando harmoniosissimo conjuncto policromico, a um tempo sobria e artisticamente matizado, tornam-o um

verdadeiro especimen, com todas as suas caracteristicas, da preciosa industria local de que é, ao mesmo tempo, um dos mais aperfeiçoados exemplares. O seu preço de venda é de **270 escudos** e não 250 como por lapso temos dito.

Os

2.º e 3.º premios

destinados, respectivamente, aos primeiros decifradores da collecção de mascararas femininas e da collecção de mascararas masculinas,

serão constituidos, cada qual, por 12 volumes, á escolha do premiado, de entre os que, até á data do encerramento do concurso, tiverem sido publicados pela Secção Editorial de *O Seculo*.

Quanto ao processo da remessa de decifrações e outras explicações chamamos a atenção dos leitores para as condições inseridas em anteriores numeros da *Illustração Portuguesa*.



Magnifico tapete de Arraiolos, medindo 1,º20 por 1,º40, oferecido para 1º premio d'este concurso pela firma Rosado & Pinto



Quem é a dama mascarada?



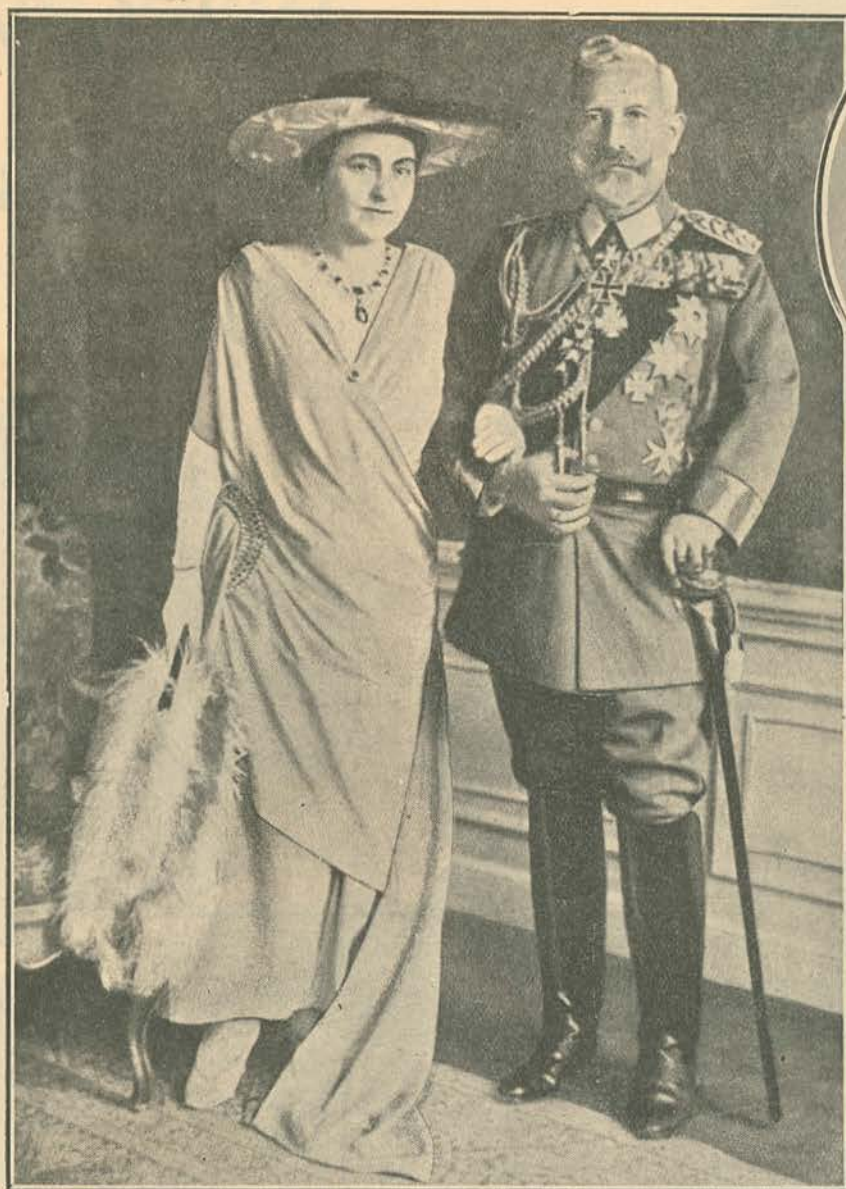
Quem é o cavalheiro caracterisado?

ESCLARECIMENTO

Durante o mez que decorre entre a publicação das duas ultimas mascararas e atribuição das mesmas continuarão a ser recebidas soluções, as quais poderão ser nos remetidas conjuntamente, contanto que venham em folhas separadas e com a indicação, em cada folha, do numero da *«Illustração»* a que se referem.

Fica assim esclarecida a duvida neste sentido enunciada por alguns dos nossos presados leitores.

O EXTRANGEIRO EM FÓCO



O EX-KAISER E A SUA NOVA ESPOSA (Cliché de l'Illustration)



CONSTANTINO I

O soberano
exilado, da Grécia,
falecido,
no dia 11 do corrente,
em Palermo



ALEXANRE RIBOT

Antigo presidente do
conselho e eminente homem
político francês, falecido no
dia 15, em Paris.



DR. IRINEU MACHADO
Senador
e grande influente po-
lítico

DR. CARLOS SAMPAIO
Professor
e ex-presidente da Capital
Federal

DR. RAUL VEIGA
Ex-presidente
do Estado do Rio de
Janeiro

DR. RODRIGUES ALVES
Deputado,
filho de falecido presi-
dente da R pública

ED. BITTENCOURT
Proprietário
do Correio da Manhã
do Rio de Janeiro

BRASILEIROS ILUSTRES EM VIAGEM Á EUROPA

5º Centenario do Descobrimento da Madeira

O CORTEJO HISTORICO



Carro simbolico, das Nações



Carro do Infante D. Henrique, ladeado por marinheiros do Guadiana



Carro da Industria de Bordados



Carro da Industria de Vimes, representada por uma linda corbelha



A oficialidade de infantaria 27 e do Guadiana, indo à frente o comandante militar, que dá a direção ao coronel hespanhol sr. Clarijo



Carro representando a Caravela de Zarco e Tristão Vaz

SEARA



ALHEIA



— Quanta coisa superflua se fabrica n'este mundo!

(De *Bueno Humor*—Madrid.)

— Não acreditem em semelhante coisa! Nas Canárias faz tanto frio como aqui. Ainda há dias me mandaram de lá um termómetro e tive ocasião de verificar...

(De *Caricatura*—Barcelona.)



— De maneira que fazes parte d'uma Liga anti-álcoolica e embebedas-te!...
— E' que não pago as quotas...

(De *Strix*—Estocolmo.)



— Ela — Sim senhor, sou uma mulher honrabilíssima, incapaz de abraçar outro homem que não seja o meu marido.

(De *Pasquino*—Turim.)



— Faça favor...
— De maneira alguma! Primeiro, o senhor...
— Mas, por quem é?... Eu é que não consinto...

(De *Nuevo Mundo*—Madrid.)



— Venham ver o gigante Ursus, o mais extraordinário que existe!



— Vimos tirar um dente, mas sem ajeição!

— Bravo meu rapaz! Gosto dos petizes v. lentes. E que dente é que te doeu?

— Mostra ahi o dente ao sr. dentista, Alberto.

(De *Passing-Show*—Londres.)



— Agradeço-lhe muito os dois soldos que me deu, m. s. agora, faça favor de me passar o porte-monnaie, para os guardar...

(De *L'Intransigeant*—Paris.)



— Que diabo tem isto de extraordinário?! E' de estatura normal!

— Precisamente p. r. Isso é que ele é extraordinário! E' o gigante mais pequeno do mundo inteiro!

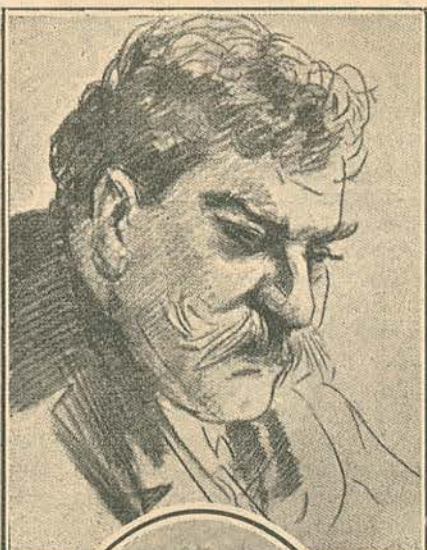
(De *L'Intransigeant*—Paris.)

Ha Muitos Anos...

Rafael Bordalo Pinheiro

Faz, depois d'amanhã, 17 anos que faleceu este grande artista. Não foi, seguramente, «ha muitos anos», embora multissimos pareça aos que lhe mantem o culto, pelo sentimento. Durante muitos, porém, ele liberalizou os primores do seu talento por quantos ramos da Arte tocou: a escultura, a cerâmica, a caricatura—sobretudo a caricatural

Recordar-lhe a vida é, só por isso, admirar-o. Lembrar-lhe a morte, chorar-o. D'ambas as formas prestar-lhe culto. Isso, fazemos.



Bordalo Pinheiro com o seu ga'o Pires, caricaturado por ele mesmo



Retrato de BORDALO, pelo pintor inglez John Sergent

O actor Taborda, caricatura de BORDALO reproduzida do Album das Glorias



O Beljo de Judas, um dos grupos modelados por Bordalo par as capelas do-Bussaco

Retrato de BORDALO por seu irmão o pintor Columbano

O Zé Povinho, famosa criação de Bordalo, na Lanterna magica, reproduzido do Album das Glorias

"Estrelas" e "Azes" do Cinema



A casa o Paramount montou a capricho a película «Fatty quer casar». Temos visto o «grande» comico nos seus multiplos trabalhos exercer quasi todas as profissões. Neste ultimo Fatty é medico-cirurgião. A quantidade de pedidos de casamento que lhe são dirigidos acaba por desenvolver no seu cerebro a «bossa matrimonial». Até ao casamento de Fatty, completamente imprevisito, e depois deste desenrolam-se desopilantes aventuras que mantem a plateia numa constante gargalhada. A encantadora Lila Lee é quem interpreta o principal papel feminino do «film».

— Ainda a Paramount apresentou, ha pouco, o «film» «Duas mulheres de juizo», um romance de miss Lois Weber, que despertou grande interesse. Em poucas linhas, o entreccho reduz-se a: Philip e Maud Gardner trocam juramentos de eterno amor. Um ano mais tarde Maud é uma esposa modelo, mas é infeliz. Seu marido, modesto financeiro, tem maus habitos, recolhe tarde, leva uma vida de rapaz solteiro e boémio. Maud quer corrigi-lo, mas Philip demasiado arreigado ás suas antigas predileções, aborrece-se. A exagerada solicitude da esposa fa-lo pensar em Nina Barnett, que namorara antes do casamento, e que soubera ter casa com um rico politico, John Daly. Ora Nina e Maud tinham sido companheiras de escola, e uma velha amizade unia egualmente Philip a John. Este

Uma das scenas do Calvário (à esquerda) e um trecho do festim de Ballazar na queda da Babilonia (à direita) da película Intolerancia, uma das melhores obras do grande metteur en scène Griffith



Mae Marsh no papel da rainha da Babilonia do film Intolerancia 3

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

ultimo adora a esposa, e Philip continua a não apreciar a afeiçao da sua. A felicidade que reina no lar de John Daly não impede, contudo, que Nina pense no seu «flirt» de outr'ora. Convidando os Gardner, ela tenta recomençar com Philip o seu idilio interrompido. Tudo isto proporciona a Philip uma rude lição moral, fazendo-lhe ver quanto valia a dedicacão de Maud. Desempenhado a primor, este «film» foi muito bem acolhido, tendo sido elogiados os trabalhos de Claire Windsor e Mona Lisa.



Constance Talmadge, apresentada estrela do écran, que na Intolerancia tem mais uma cruzada



FIGURAS & FACTOS



JOÃO CAMOZAS
(Instrução)



QUEIROZ VAZ GUEDES
(Comércio)



ROCHA SARAIVA
(Trabalho)



FONTOURA DA COSTA
(Agricultura)

Os novos ministros



Os 100 rapazes mais pobres da cidade que tomaram parte na festa anual do Garoto promovida pela Associação Cristã da Moçidade e realizada, no dia 29 do mez findo, na respectiva sede, rua das Gavotas, 6. Houve jogos, sessão cinematográfica educativa, ceia volante e todo aos referidos rapazes
(Cliché Saigado)



Na sede da Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio realizou-se, no dia 15, o acto solene da aposta, no respectivo estandarte, das insígnias da Ordem de Cristo com que a referida agremiação foi agraciada, pela sua obra humanitária, tendo-se feito representar, n'esse acto, o sr. Presidente da Republica. A nossa gravura representa o estandarte com as insígnias, ladeado pelas direcções cessante e actual

No medallão, a sr.^a D. Victoria Maria Lopes, discipula do maestro Augusto Machado e laureada no Conservatório Nacional de Musica, onde concluiu o curso de canto com 20 valores e um 1.^o premio

Mulher esquadrejada

O cabo ANASTACIO MORENO e a sua vítima JOS. PA. AUGUSTA LINO



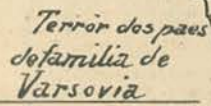
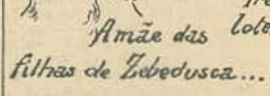
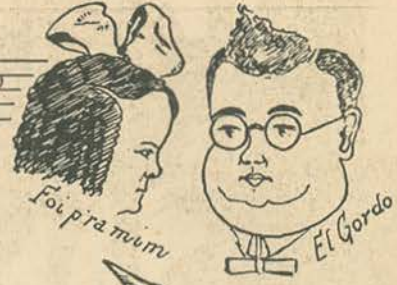
Os protagonistas do crime da rua S. Tiago, que tanto tem alborotado o sentimento publico pelos circumstancias de revoltante ferocidade em que foi perpetrado



O comandante da 1.^a Divisão, general sr. Roberto Batista, e o chefe do Estado-Maior da mesma Divisão, tenente-coronel sr. Maia Magalhães, dirigindo-se para a revista ás forças de artilharia, realizada no dia 10, no Campo Grande

(Cliché Saigado)

«A ULTIMA VALSA»



H. Osório
1925

Interessante comentário caricatural, de H. Osório, à opereta actualmente em scena no teatro de São Luiz, a que nos referimos na pagina fronteira



Era uma vez uma condessa patúsca (Sofia Santos), mãe de quatro filhas e sadolras Babhuscka, Maruska, Petruska e Anuska e uma quinta, que vem a ser a mais velha, Vera Liberoff, noiva do general Krazinski, no palácio do qual decorrem os 1.º e 2.º actos de *A última valsa*.

E' de saber que Carlos Ivan, na pele do grão-duque Paulo, pretendera roubar um beijo à Aldina de Sousa, na pele de Vera, verdade seja que achand-se com um grão na aza. Nem d'outra maneira, a Carlos Viana ocorre la semelhante ideia! Interviera, porém, a tempo, o Sales Ribeiro, fardado de conde Dimitri, evitando, sim, o beijo, mas não evitando ser condeado à morte. Irral...

Conduzido por uma escolta, preso e escolta fazem alto no palácio do general, perto de Varsovia, para onde se dirigem. Palácio em que o sobredito general, precisamente n'essa noite, inicia a celebração, que durará tres dias, dos seus esposaes nem mais nem menos que com a dama do beijo... Interrómpido. Como trate muito bem o prisionel o, este oferece, ao general, o qual se declara muito esperto por dentro, embora por fora não pareça, um anel para presentear a noiva e esta, mal o vê—o anel—descobre ser do seu salvador, corre ao ja dim a colher rosas vermelhas e entra pelo palco não comovida que, pelo m nos na p m ira noite, a comocão até lhe fez falhar uma nota, logo no numero de entrada.

Vem para salvar, por sua vez, o que a salvara; incitá-lo a que fuja. E isso faz, de mascara, mas sem resultado. Sales Ribeiro não se comove, antes pelo contrario, ao p sso que Maruska, Petruska e Anuska, indultadas pela mamã patúsca, fazem apertado cerco ao barão Ipolith (Vasco Sant'Ana) e este, achando-as encantadoras todas tres, não sabe qual escolher para esp. sa e consuta la, sobre o ca o, todos os horoscopos, desde o das petanás dos maimqueques, até ao das varretas do leite da mamã patúsca.

O pr meiro acto não adianta mais.

No segundo, o Sales Ribeiro, sempre indifferente à perspectiva da morte que o aguarda dentro em poucas horas, faz-se convidar para o baile de nupcias do general e telma em que ha de dansar de... espada, baретina e tudo, a sua *última valsa!* Reapparecem Maruska, Petruska e Anuska, acompanhadas pela condessa patúsca, a contar-nos o mesmo que já nos contaram no primeiro acto e o barão Ipolith continua, hesitante na escolha, a transformar em horoscopos até os dedos das luvas do general, que vem a ser seu tio, mas acaba, por fim, por casar com... Babhuska, especie de gata borralheira de familia usca, que a mamã patúsca deixara em casa, evidentemente apenas para, a seu tempo, entrar na peça e acabar com as hesitações do barão.

Ao tempo, o Sales Ribeiro que, até então, resistira aos encantos de Vera, com mascara e sem mascara, declara-se vencido perante a mesma Vera... de e-poras, fugirá, apesar de ter comprometida a sua palavra d'honra! E foge. Vera exulta, por musica, passa ao fundo, tambem por musica, o ex resso de Nice, que o leva. Vera, emão, declara tudo: era e a dama do beijo; ele o seu salvador. Coubera-lhe a vez de salvar, tambem! Ela por ela! Mas, quando todos estão muito afitos, o sales Ribeiro reaparece. Arrependera-se... pa a p der haver um terço ro acto. Cae o pano.

N'esse terceiro acto, o Carlos Viana surge-nos no seu palácio de Varsovia, em attitude de sultão cercado de odaliscas, as quaes o nariz do Sales Ribeiro—abençoado nariz!—não tarda em reconhecer, pelo cheiro, serem bailarinas da Opera.

E tra, depois, Aldina, que o Viana mandara chamar com o intuito maquiavellico de obrigar o Sales Ribeiro a servir *champagne* aos dois—ela e a ele. Os taes grão-duques tinham cada idea l... M'ad ante esta vingança, per-oar-hehla a vida. Mas Aldina começa, logo de entrada, a tratá-lo com quatro pedr. s; para, por sua vez, se vinga r d'ele, canta-lhe um *Oh! la!* que quem fica vingado, d'um vez para sempre, é o Umberto do Amaral e, por fim, consegue que ele lhe transmita, durante dez minutos, os seus poderes descriptoriaes, simbolisados na po-se do chicote grão-ducal.

Se, só com esporas, a Aldina convencera, antes, o Sales Ribeiro, o chicote faz tudo quanto quer do Viana que, não só acaba por ser ele quem serve o *champagne* a ela e ao Sales, como por aceder em que os dois casem e sejam mais felizes que os espectadores...

Quanto ao outro marido, mais esperto por dentro que por fora, ao barão Ipolith, a co dessa patúsca, a Babhuscka, a Maruska, a Petruska e a Anuska, não se fala mais n'elles e a peça termina ás 2 da madrugada com grande satisfação do publico, o qual, aplaudindo como aplaudiu, tendo recebido o tito ou tão pouco como nós, mais uma vez demonstrou que, á maneira do general Krazinski, se é muito exigente por dentro, por fora não parece. Demonstra, mesmo, sei-o muito pouco...

ZOILLO.

Correram em tempos insistentes boatos de que entre o sr. Arnaldo Figueirôa e o seu colega sr. Henrique Batallie, dramaturgo francês, de gloriosa memoria, se dera certo desgastado, provavelmente de ordem litteraria. Fosse como fôss, o que se averiguou no teatro Aventura foi que o odido sr. Figueirôa pelo sr. Batallie lhe existia e não desaparecera com a morte deste, antes se agravou, terrivel e violento.

O sr. Figueirôa, não podendo viver-se doutro modo, apoderou-se dos d'spojos do seu antagonista, do *Poliche*, á falta doutra coisa, e com turba selvagem c'nspurcou-o, baralhou-o, esfrangalhou-o e destel-o, não deixando da obra do infeliz escritor nem uma ponta por onde se lhe reconhecesse a autoria.

Mereceria *Poliche* tal ferocidade? Não! afirmamo-lo com o des'sombro e a coragem de quem suportou a tradução do sr. Figueirôa desde ás 21 horas e meia do dia 8 do mes corrente até á uma hora do dia 9. *Poliche*, adaptado ao volume incomensuravel de Chaby Pinheiro, e um ingenho provinciano, que envergava o gener. masculino, transformando-se em hobo para arradar a uma mulher, fazendo declarações d'amor ao regalo e ao castinho da mesma e levando a mansidão ao ponto de dar voluntariamente a a ternativa a um rival; mas, por outro lado, é bom cosinheiro, tem uma excelente pontaria (o lhe falha uma mosca no exercicio de tiro do 3.º acto), e nunca poderia lutar, com probabilidades de exito, contra o sr. Saint-Vast, o qual além de ter um bigode marcial, segundo a felicissima designação do sr. Figueirôa, é ainda por cima domesticador de cavalos e já tem varias poitras no seu passado.

Não! *Poliche* é desculpavel, *Poliche* era digno de melhor sorte!

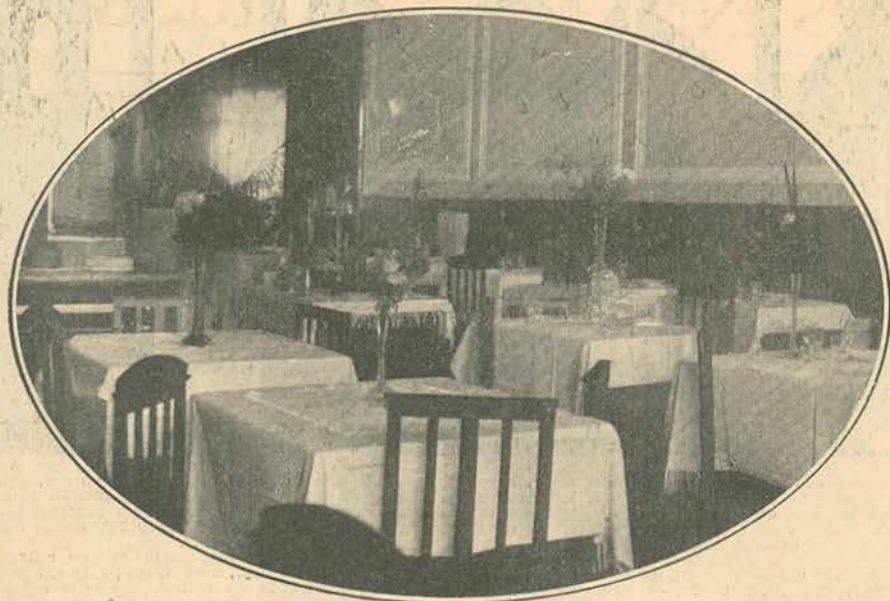
E depois, sabendo o tradutor que era Chaby Pinheiro quem a fazer o papel principal, se bendo que era a encantadora Cremlida de Oliveira quem se tinha encarregado do de Rosina de Rinch, porque os não poupon ás suas arremetidas? Acaso não convive com todos estes artistas, não é amigo deles, como os que saó?

Ah! Compreendemo! Um ralo de luz nos atravessa o cerebro, que a versão tinha obsecado! Sim... é isto: o sr. Figueirôa quiz provar ao publico que o talento dos artistas referido, supre tudo, que Chaby Pinheiro e Cremlida de Oliveira se impõem sem necessidade de accessorios—e um desses accessorios, sob o ponto de vista do sr. Figueirôa, é a tradução. Pois então, se é essa a opinião do dito senhor, se d'ela partilham Chaby e Cremlida, a esta hora estarão completamente d'enganados, porque a obra de arte é um todo, é um conjunto de partes que não podem deixar de ser belas e harmonicas entre si, e quando Chaby é uma dessas partes ha toda a conveniencia em atender com particular at'ncão á beleza das restantes, para que os sentidos dos espectadores se conservem no doce estado de adormecimento que devem ao habito, á simplicidade e á justa admiração pelo illustre actor.

Ah! sr. Figueirôa! Não lhe queriamos estar na pele, se Henrique Batallie ressuscitasse ou se o Chaby tivesse mais genio!

Mario COSTA.

O Restaurant Estrela de Bemfica



Sala de jantar

Lisboa vai tendo necessidade de se alargar, trasbordante é o sem numero de estabelecimentos de varia especie, que, com frequencia, surgem como demonstração de que a actividade humana não afrouxa, antes pelo contrario, se revela patentemente. E é assim que não raro vimos nos arredores,—nas arterias mais afastadas do «coração» da cidade,—novos estabelecimentos, na maioria de esplendorosas instalações.

A inauguração do Grande Restaurant Estrela de Bemfica, Ltd., que se efectuou ha dias, vem corroborar esta asserção. Situado no «terminus» da linha electrica, defronte da Igreja, a uns 30 minutos do Rocio, encontra-se revestido dum

discreto cunho artistico, com conforto e sob os mais rigorosos moldes higienicos.

O chefe da cosinha, de creditos já sobejamente firmados nos melhores hotéis e «restaurants», querendo tambem seguir na vanguarda do progresso, revolucionou a sua arte, e, desta fôrma atrae ali, dia a dia, mais clientela, que é unanime em afirmar que se não come melhor em qualquer outro lado—tanto na boa confecção dos «pratos», como nos preços.

O Grande Restaurant Estrela de Bemfica, Ltd., que está permanentemente aberto, tem um bem montado serviço para casamentos e baptizados.

Aos domingos dá jantares-concertos.



Fachada do estabelecimento

PAGINA

MUSICAL

NA FLORESTA

Schumann

Non troppo presto

The musical score for 'Na Floresta' by Schumann is presented in a grand staff format, consisting of eight systems of two staves each (treble and bass clef). The piece is in 3/4 time and begins with the tempo marking 'Non troppo presto'. The score is characterized by its dynamic range, starting with a pianissimo (*pp*) dynamic and moving through various levels of volume, including mezzo-forte (*mf*), piano (*p*), and fortissimo (*ff*). The notation includes a variety of rhythmic patterns, such as eighth and sixteenth notes, and rests. There are several instances of crescendo and decrescendo markings, as well as specific performance instructions like 'Ped.' (pedal) and 'bel.' (bell). The score is overlaid with a large, semi-transparent red watermark that reads 'MusicalScoreCloud.com' diagonally across the page.

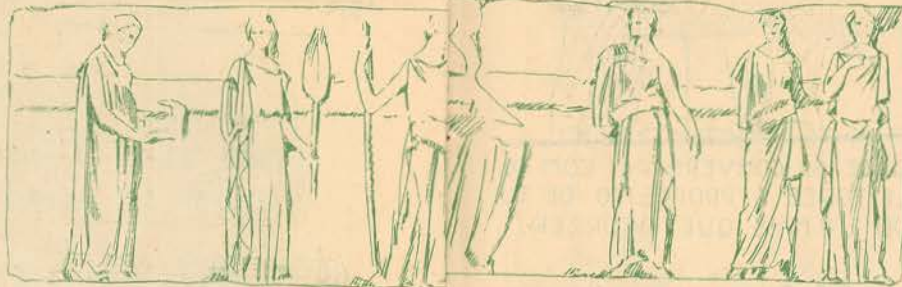
Ped.

Página Elegante



Nos últimos tempos, a Moda, desdenhando as composições d'acaso em que só a fantasia se manifestava como inspiradora da forma e buriladora dos pormenores, passou a interessar-se pelas disposições das «draperies» em que o espirito dos antigos se recreava.

De facto, bem estudadas as «silhouettes» que se nos deparam nos baixos



elementos preciosos. Assim, tomando como temas para os seus estudos os classicos «chitons» e «pepluns» que envolveram com as suas pregas hieráticas os bustos de tantas formosuras gregas, de tantas Helenas belas e magestosas, a moda conseguiu enriquecer a sua indumentaria com a ressurreição das formas típicas do vestuário antigo, inteligente e subtilmente adaptadas ás exigencias da vida moderna e ás concepções hodiernas da elegancia e do «chic».

Mas a ideia originaria subsiste em todas as manifestações da moderna arte do vestuário, e para prova eis a reprodução do baixo relevo que encima esta cronica, fragmento dum friso esculpido por um artista da antiguidade, que publicamos para confronto dos modelos de «toilettes dernier cri» que polvilham, com o exemplificações de modernismo e requintada arte, a nossa página de hoje.

Confrontemos, um a um, estes modelos saídos ha pouco dum dos primeiros «ateliers» de Paris, creações



de artistas que ditam a todo o mundo civilizado as leis da verdadeira elegancia e regem com autoridade de mestres a evolução da arte do vestuário feminino, com as «silhouettes» dispersas por esse friso trabalhado ha tantos seculos, e reconheceremos que os modelos de hoje, esses que a moda nos apresenta como ultima novidade, não são mais do que a reprodução aperfeiçoada das creações antigas das «drapages» graciosas e magnificentes em que o gosto estetico das patricias gregas e das matronas romanas se afirmou plenamente, numa perpetuação que, nem o tempo nem a versatilidade do espirito humano, conseguiram nimbar de olvido.

E é vér como por todos os recantos do orbe, que o progresso visita e onde a «coquetterie» feminina se instalou, se nos deparam, realizadas em setins brilhantes, em veludos de reflexos fascinantes, em crepes diafanos e rendas e tules caprichosos, as «drapages» que outr'ora se vincaram em pregas escudicadas de linhos e «bysios» na disposição das «chlamydes», dos «chloénes», dos «chitons» e de tantos outros elementos de «toilette», de denominações mais ou menos esquisitas, desconhecidas na epoca que passa, mas que nesses tempos longinquos, como hoje, bus-

caram á mulher o prestigio da elegancia e o realce da beleza.

A «combinação-saia», que nos nossos dias se tornou indispensavel á mulher elegante, é uma descendente do «chiton», a tunica curta preferida pela bela Diana para as suas excursões venatorias...

E se analisarmos o vestido-camisa tanto



em voga, conviremos em que é simplesmente uma reprodução, corrigida pelo modernismo, do «Kolpos» que as mulheres gregas cingiam ao corpo com o «toenia»,— antepassado dos nossos cintos modernos, como o manto de côrte nos reaviva o cair magestoso das «chlamydes» helenicis.

Ah! é bem certo que na vida nada se cria e tudo se reproduz...

Até a Moda, a vaidosa que pretende ter por si a força do inedito, o prestigio da plena fantasia creadora, não consegue já iludir-nos com as suas ideias novas que, afinal, vai rebuscar nesse passado lendario e maravilhoso...

AGARENA DE LEÃO

relévos das esculturas antigas, nas obras primas dos grandes mestres da pintura e do desenho, esses que iluminaram com o seu genio e a sua arte pura os seculos idos, reconhece-se, sem esforço, que todas aquelas roupagens são dispostas com delicada elegancia, concorrendo, com a sua aparente despretenção, para preparar á mulher um realce favoravel da sua beleza e da sua plastica. E a moda, que tomou a seu cargo a missão de embelezar a mulher, reconhecendo quanto as patricias gregas e romanas eram habéis na composição da sua elegancia, dedicou-se ao estudo, á observação cuidada dessa elegancia, ditada mais pela intuição do que pelo conhecimento consciente das leis da estetica.

Breve reconheceu quanto o campo que se abria á sua investigação era vasto e rico de





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO'E O MAIS QUE OCORRER.'

A VIDA SEXUAL pelo dr. Egas Moniz

Temos presente a 5.ª edição desta obra, por muitos títulos notável, do sábio professor de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, obra que tantas discussões levantou e que rapidamente se impoz nos centros científicos. Difere das edições anteriores, por ter sido, principalmente, actualizada, e não por alterações da doutrina. A vida sexual é agora, como na sua primeira edição, não um livro de vulgarização, conforme o autor acentua no prologo, mas um belo trabalho de defesa social, desasombradamente sincero, rico de exemplos, positivo, aproveitando muito do que se tem escrito sobre a sexualidade e registando observações pessoas interessantissimas.

E', sem sombra de duvida, uma das obras medicas mais importantes que se tem publicado dentro e fora do nosso paiz.



Dr. Egas Moniz

M. C.

AMOR Á ANTIGA, por Augusto de Castro

ES uma nova edição da deliciosa comedia que, entre os trabalhos dramaticos do illustre escritor, se pode classificar de obra-prima. Augusto de Castro afirmou, nestes quatro actos do Amor á antiga, predicaes exceptionaes de comediografo notavel na tecnica, no dialogo, na observação e no espirito. A critica da peça está, de ha muito, fã nos termos encomiasticos que ella merece. Em successivas reprizes, o publico aplaudiu-a no Nacional e para desejar seria que estivesse inclusa no repertorio permanente, não se passando uma época sem que fosse representada. O Journalismos, de que Augusto de Castro é brilhante ornamento, absorve-o. A litteratura dramatica, a que elle ha de regressar um dia, espera do seu belo talento produções novas destinadas a rejuvenescer e a levantar o nosso teatro, de onde o autor do Amor á antiga está ausente ha alguns anos, pois que, a partir de 1912, só nos deu, em 1918, uma peça num acto.



Augusto de Castro

ções novas destinadas a rejuvenescer e a levantar o nosso teatro, de onde o autor do Amor á antiga está ausente ha alguns anos, pois que, a partir de 1912, só nos deu, em 1918, uma peça num acto.

EÇA DE QUEIROZ (UMA SELECTA)

Na serie de volumes intitulados «Antologia Portuguesa», que as livrarias Aillaud e Bertrand estão publicando, no que presiam um relevantissimo serviço á cultu-

L. T. COSTA.—*Contra a irritação das palpebras causada pelas lagrimas, aconselhamos V. Ex.ª a banha-las com agua quente, onde prontamente se tenha feito dissolver, por copo, dois gramas de acido borico e um grama de salicilato de soda.*

MARTA P. M.—*Pergunta-me v. ex.ª qual é a bebida mais recomendavel para as pessoas predispostas á obesidade? —São as bebidas quentes ás refeições. A melhor bebida, mais tónica e que mais convem ás pessoas que não desejam engordar, consiste no chá a ferver adicionado dum terço de velho Bordeaux.*

JOSÉ H. MAURICE.—*Os endereços que pede são os seguintes: Bueno Humor, Plaza del Angel, 5, Madrid (Apartado, 12.142) e New Magasin, Cassell and Comp.ª La Belle Souvoige, London, E. C.*

Quanto á indicação dos numeros não lh'a podemos fazer por as reproduções serem de muitos, alguns antigos, dos quaes conservamos apenas as caricaturas destinadas a ser reproduzidas.

M. F.—*Não tem V. Ex.ª que se envergonhar. A sua cronica de aldeia revela qualidades de observação e até uma certa elegancia litteraria. Se pecca, é pelo exagero no emprego dos modismos e das frases comadas e pela extensão, quanto a ser publicada na Ilustração, Redusa V. Ex.ª o seu manuscrito a uma terça parte com o que, aliás, o interesse do assunto só terá a perder, e diminua o numero dos modismos e plebeisimos, sem sacrificar, é claro, os mais característicos ou indispensaveis á compreensão do texto, e torne a mandar. O nome de Francisquinho, embora muito comum, será preferivel substituí-lo por outro, mais eufónico. Anda-lhe ligado, pelo menos p. r. cá, sentido pejorativo. Só agora respondemos porque a carta de V. Ex.ª esteve retida no correio, por falta de estampilha da assistencia.*

JADA.—*A nossa opinião — já que a pede — é que a gentil criança havia de fazer muita troça dos seus versos, se os lêsse. Evitemos esse desaire ao sr. Jada.*

B. D. de L.—*O seu Tardio desengano não tem concerto possivel. O melhor é deixar casar o rapaz e não lhe amargar a existencia com queixumes, em versos maus.*

ZEFIKO—*Lá vem o fatal soneto!*

Acalmando co'o olhar seu multa dôr

e

E assim nesta missão sua tão pura

são versos? Continue com a redondilha, aperfeiçoe-se nela — e será serido.

ra nacional, cabe agora a vez a Eça de Queiroz. Das obras do grande m. sire prosador, gloria das letras patrias, acham-se reproduzidos no primeiro tomo, que temos presente, trinta trechos, cuidadosamente seleccionados, de modo a constituir uma selecta para leitura na familia e na escola. Numa erudita introdução, o dr. Agostinho de Campos estuda a personalidade litteraria de Eça de Queiroz, faz um esboço da sua cronologia e explica o plano da selecta. Quem não puder adquirir a collecção das obras do autor de *A cida le e os serras*, quem tiver escrupulo em meter algumas delas em mãos femininas ou juvenis, pode confiar-lhe a selecção feita pelo dr. Agostinho de Campos, só comparavel a um collar de perolas do mais puro oriente. Predizer ao novo volume da «Antologia portuguesa», e ao que vae seguir-se, um ruidoso exito é uma profecia que sairá perfeitamente certa.

A. de A.

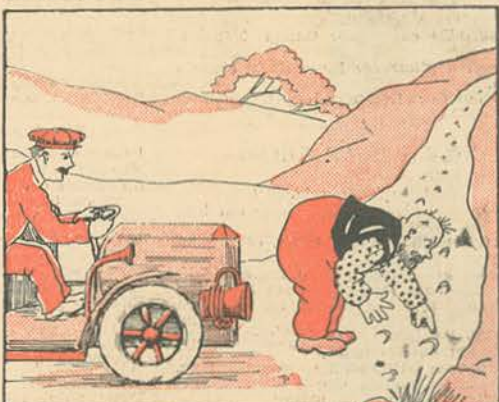


PAGINA INFANTIL

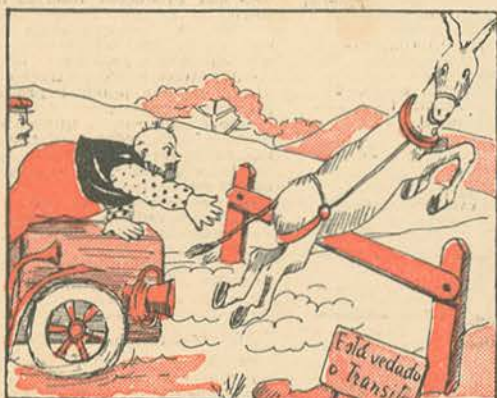
FOGE O BURRO A BARNABÉ



1-O SEU BURRO FUGIU PARA AQUELA BANDA, SNR. BARNABÉ.



2-BARNABÉ FOI DE AUTOMÓVEL E LOGO ACHOU O QUE QUERIA.



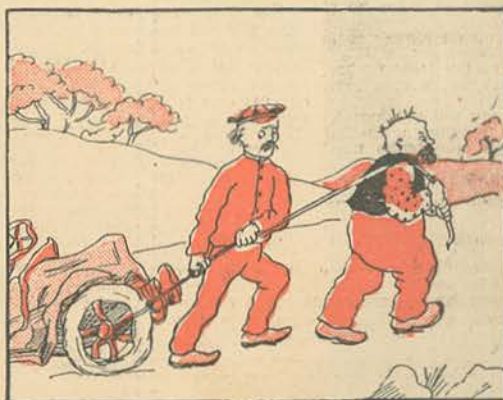
3-ESTÁS QUASI AGARRADO, VADID!!!
...MAS O PEOR É QUE...



4-... UM AUTOMÓVEL NÃO SALTA OBSTÁCULOS...



5-E O BURRO LÁ SE SAFA OUTRA VEZ!



6-E AQUI ESTÁ COMO ACABOU A HISTÓRIA.

ESFINGIA



REQUERIMENTO...

A' colega Dama oculta, como agradecimento e retribuição ca primorosa charada que leve a amabilidade de me dedicar na Illustração, de 30-12-92.

Marcelo Monfort, soldado,
E da Lisboa natural,
Maior e revacinado,
Ingressou no quarto estado,
Ha coisa d'um mez e tall
Requere, sem ser fingido,—2
Oh! curiosidade insana...
Que o seu rosto apetecido,
Não continue escondido,
N'essa teima mussulmana!
E se a dama não é bera...
—Lembrança que ora lhe acode—
Descobri-la, quem lhe dera,
Já que cobri-la não pode,
Com rosas e folhas de éral
Promete ele, sem favor,
Não ter o menor de-animo
Ao saudar o seu amor...
Dará, se preciso fór,
As ultimas do seu animo!—2
Eis aqui, memorial,
Que todos sabem de cór
Do começo até final...
Lisboa, tantos de tall...
Firma:

Marcelo Monfort

(Oferecida ao distinto charadista «Careca»)

Tome nota, vou deixá-lo—1
Se não olha sem detença,
E não prova do regalo—2
Onde aguçou esta doença,

Leiria Florido

(O meu contreranco «Careca»)

A criminoso careca—1
Que eu louvo, mas... sem cacete—2
Tem virtude—com a breca! 1
Para vir ao meu banquete,

Vendas Novas Zé Sepol

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Zé At'oc—Tia Aldina—Vasco—
Rel—Pintascens—Dr. Saloto—
Adigram—Os tres Invençes
—Do 14—D. ma oculta—Sorrab
Claro & Moreno—Lucia Lima—
Os Zingaros—I apa Roxa—Oloj—
At se—S. Palo—Josolcos
—Marte—Clu—do Silencio—Ame-
lia Cordeiro—Pa'elrinho—Do
—sustendo—Capitão Silva—Po-
lleson—J. B. Torres—D. Alste-
rio—Ego Sum—Qui—um—Plutão
—Sargento crónico—Vaz Verde
—Orlieugans—Scifar—Diogenes—
Dr. Godo—P. m.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero charadístico.

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: A letra O.
Charadas em verso: Gaiola—Monoga-
mo.

Enigma pitoresco: Do contado come o
lobo.

Logogrifos: Desapertal-os—Infantilida-
des.

CHARADAS EM VERSO

(Ode orpheumaniaca...)

Cortem-me o nariz, partam-me um bra-
ço,
Olaré... quem brinca, brinca, estou com
a telha,
Lá vae um carapau feito n'um laço,
Cá estão boas sardinhas para a grêlha,
Falta-me aqui um olho!... ah! ah! foi á
festa,
Vestido de labita, tac-tic, tic-tac...
18-24, hontem foi sexta,
Zás-trás-pás catapum!!! eu sou um frac.
Agarrem o chapéu que é de agua-raz,
E metam já a lua na prisão,
Lá me ficou uma perna no cabaz,
Seria por vingança?... ó não!... não!...
não!... não!...

Peguem n'uma camisa e n'um bom pau,
Nos pés d'uma cadeira, e n'um arranco,
Digam eletricamente, tau... tau... tau...
Sou exclusivo, sou interdito, sou ta-
manco.

Com um enorme notibó, que apanhei,
No espaço onde vegeta o sofrimento,
Com uma só dentada eu matei,
A vida, a morte, o fado, o sentimento,
Olhei para o ar, e vi uma carroça,
Quiz-lhe deitar a mão, mas deu-me um
ar,

O' da guarda!... pim... pam... pum... vou
para a roça,
Quem quer figurinhos, quem quer almo-
çar.

Retrocesso vertical pouco assíduo,
Mecanico, venham ver o parafuso
Como ele canta e dança, sem residuo,
Ahi Ahi Ahi da razão perdeu o uso,
Na minha consciencia semei,
1018 rodas de engrenagem.

Passados nove mezes nasceu-me um rei,
Um arado, e uma aléfrica estalagem,
Safu-me pelos pés todo o meu baco,
Trim... Trim... Quem fala? E's tu, An-
tonio Roda?... —1

Est... Pst... que lindo dia tem o espaço,
Toma nota: amanhã visto-me á moda
—1.

Assentel as mãos no chão, e puz-me a
olhar para o ar,
Fiz uma circumferencia com o dedo do
pé,

Tenho frio, tenho febre, estou a delirar,
Quem me dá uma cerveja, uma gazozza,
um capilé.

Eu sou um automovel, carro de viação,
Sou movido a bacalhau com batatas,
Dizem que tenho um T na testa? oh,
não!—1

E em lugar de ter pés, tenho patas...
.....

Antero de Qental, Camões, Antonio
Nobre,
João de Deus, Bocage e outros grandes
vates,

Descerrae as pesadas lousas que vos co-
bre
E vinde vêr as novas musas: DISPA-
RATES!

S. Paio

(Futurista)

LOGOGRIFO

(A's gentis colegas charadistas)

O casamento, é um laço—5—2.
3—4—Que não serve para mim:
Sou feito de pedra dura,—3—2.
3—7—Rochosa da mais ruimi!...

Na igreja não quero entrar—1—7.
1—2—Não é lá que levo a vida!
A ti, digo, meu leitor!—6—4.
5—6—Estudei coisa par'cida!...

Femeas! Bicho peçonhento!
Malditas! Leve-as um vento,
Que esvoacem como as penas!

Porém, a mulher é flor!
Flor's lindas, de bela córi
Eu... quero duas apenas!...

Josolcos

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na Illustração Portuguesa as decifrações das produções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao Seculo e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinto da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.

Correspondencia da Esfingia

Dama oculta—Em resposta ás duas perguntas que V. Ex.* me faz, sou a dizer-lhe o seguinte: a primeira, encontra-a bem visível e explicavel, a paginas 76, do Dicionario de Candido de Figueiredo; e a segunda, o desenvolvido artigo do brilhante jornalista Sarmiento Duque, sobre a origem do charadístico, vêm publicado no Seculo (edição da noite) de quarta-feira, 3 do corrente.

O Pitoresco que mandou—aliás muito interessante—e que teria de ser bastante resumido para caber no respectivo espaço, tem um contra: as figuras desproporcionadas, que se torna impossivel serem distinguidas, e d'aí a sua não publicação.
Zé Sepol—Seja bem vindo, velho amigo e camaradão!...

Atenção—As produções que recebi de V. Ex.* escritas com pau de fosforo, ou acha de carvão, em bocados de papel sujo e amarrado, tem apenas um pequeno contra, que não permite a sua publicação: é não servirem para coisa alguma. O sr. Almeida enfileirava ao lado dos bons charadistas, que nem um catita!...

Sant'Ana—Al seu valente principian-
te! Não creio que seja a primeira vez que decifre charadas, como diz. Se assim é, parabente o-o-o...